



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS E FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

JULIANE BORBA MINOTTO

“JOGO DA VIDA”

**A PROBLEMÁTICA DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS COM TURMAS DITAS
INDISCIPLINADAS EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PORTO ALEGRE,**

PORTO ALEGRE

2011

JULIANE BORBA MINOTTO

“JOGO DA VIDA”

**A PROBLEMÁTICA DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS COM TURMAS DITAS
INDISCIPLINADAS EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso, cuja realização
é pré-requisito para a diplomação em Ciências
Biológicas com habilitação em Licenciatura pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Darli Collares

Porto Alegre

2011

JULIANE BORBA MINOTTO

“JOGO DA VIDA”

**A PROBLEMÁTICA DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS COM TURMAS DITAS
INDISCIPLINADAS EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso, cuja realização
é pré-requisito para a diplomação em Ciências
Biológicas com habilitação em Licenciatura pela
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Darli Collares – UFRGS

Profa. Dra. Eunice Aita Isaia Kindel - UFRGS

Prof. Dr. Sérgio Andrés Lulkin - UFRGS

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais e irmã, pois se não fosse por eles eu nunca teria chegado até aqui. Pai, obrigada por acreditar em mim, na profissão que escolhi e no caminho que estou trilhando. Obrigada por participar das minhas apresentações e dos meus trabalhos e por se importar com eles. Mãe, obrigada por toda a base emocional e disciplinar que tu me deste. Obrigada pelo carinho e compreensão nos momentos difíceis e pelo apoio durante esse caminho. Bruninha, obrigada por respeitar e suportar meus momentos difíceis e por ser uma ótima companheira e amiga, nos momentos bons e ruins.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer aos meus orientadores por me guiarem nesse percurso e me ajudarem a formar esta profissional que estou me tornando. Fábio, obrigada por me acolher no teu laboratório e por me ensinar tudo o que sei sobre pesquisa, assim como a tornar essa pesquisa sempre tão apaixonante. Darli, obrigada por me acolher nesse último ano, sem questionar minha competência, apenas me ajudando nesse caminho tortuoso que foi a realização do meu TCC. Para mim esta experiência foi um grande desafio e tu me ajudaste a dar cada passo em direção ao sucesso.

Gostaria de agradecer também ao Leonardo, que tem sido um grande companheiro nesses últimos meses e que tem me dado todo o apoio de que preciso nos momentos turbulentos. Leo, sem ti eu teria caído muito mais vezes que cai e teria tido muito mais dificuldade do que tive para levantar. Obrigada por me amar, respeitar e apoiar, mesmo nos momentos em que isso era bastante difícil, pois, assim, tu deste-me força para chegar até aqui.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os meus amigos, colegas e todos que me querem bem, pelos momentos de alegria e também de compreensão. Obrigada especialmente ao Lucas, por ter sido meu colega de TCC e ter-me “azucrinado” e me divertido em muitos momentos difíceis.

RESUMO

A origem da palavra escola tem relação com lazer e ocupação, porém esse significado foi perdido com o tempo, tornando a escola apenas um lugar de transmissão de saberes. A importância do lúdico para a aprendizagem escolar vem sendo trabalhada por muitos autores, como Lino de Macedo e Tânia Fortuna. Entretanto, devido à agitação de alguns alunos que compõem o corpo discente, muitos professores evitam utilizar jogos nas salas de aula, mesmo acreditando serem importantes para o processo de aprendizagem. Logo, o objetivo do presente trabalho foi investigar a forma de ação de professores de ciências em turmas que estes julgam indisciplinadas e/ou agitadas, considerando a realização de jogos e outras atividades lúdicas. Este trabalho organiza-se semelhantemente ao jogo de tabuleiro “Jogo da Vida” da Grow®. Assim como o referido jogo, este trabalho apresenta situações do cotidiano que são vencidas no decorrer de um percurso e, ao seu fim, deve-se repensar a “vida” que passou. Dessa forma, o cotidiano de alguns professores foi pesquisado, alguns perfis foram relatados e, ao final, as questões orientadoras desse trabalho foram analisadas com base nos autores lidos e nas experiências relatadas. Nove professoras de escolas estaduais de ensino fundamental de Porto Alegre foram entrevistadas, a fim de compor o perfil do grupo de docentes. Cinco perfis foram escolhidos para serem explorados e analisados nas questões norteadoras do trabalho. A maioria das professoras entrevistadas não realiza jogos com seus alunos em sala de aula. No entanto, algumas afirmaram que realizam outras atividades práticas, tais como experiências e vídeos. Com base nos cinco perfis analisados, foi possível identificar que a principal razão pela escolha da dinâmica a ser usada com a turma é a personalidade do professor, porém, em segundo lugar, está o comportamento da turma. Assim, se faz necessário um trabalho com os professores sobre o significado da agitação de seus alunos, para que estes possam encarar esse comportamento de forma construtiva e, possivelmente, melhorar a sua postura frente à utilização de atividades lúdicas em sala de aula.

Palavras-chave: Jogos. Atividades práticas. Professores. Agitação. Disciplina escolar.

ABSTRACT

The origin of the word school is related with pleasure and occupation. However, this sense is long lost, and the school became only a place to transmit knowledge. The importance of playful activities for the processes of learning has been discussed by Lino de Macedo and Tania Fortuna. Yet, because of the students' agitation, many teachers avoid playing games in class. Thus, the aim of this study is to investigate the teacher's actions concerning games and playful activities in agitated groups. This work is organized as The Game of Life, created in 1860 by Milton Bradley. Like the game, this monograph presents daily situations which are overcome during the way and, by the end, the player/reader should think about the "life" he has been through. The practices of few teachers have been elucidated, in order to compound their profile. Nine teachers from public elementary schools of Porto Alegre, Brazil, were interviewed for this work. Five of them were further analyzed in order to understand the daily school practices concerning games. Despite the fact that most of the interviewed teachers do not use games in class, some of them claimed to do practical lessons, such as experiments. Considering the fine profiles, it's possible to say that the strongest reason to decide whether use or not a game in class is the teacher's personality. In second place comes the student's behavior. In other words, if the class is agitated the teacher avoids to use games or to do practical lessons with that group. Therefore, it's important to work with these teachers so they understand the importance of playful activities with agitated groups. Furthermore, knowing this, maybe games and practical lessons would become part of the daily life in class.

Key-words: Games. Playful activities. Practical lessons. Teachers. Agitation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO.....	8
2	“JOGO DA VIDA”: MINHAS IDEIAS E AUTORES QUE LI.	10
3	“SAÍDA – Ganhe R\$10.000 e comece a jogar”: como começou o trabalho	18
4	“PARABÉNS! VOCÊ SE FORMOU NA FACULDADE!”: CONHECENDO OS PROFESSORES ENTREVISTADOS	20
4.1	PRIMEIRA PARADA: “Você foi promovida a vice-diretora da escola. Receba R\$5000.” - Professora II	21
4.2	SEGUNDA PARADA: “Um de seus alunos foi suspenso por lhe ofender em aula. Fique uma rodada sem jogar.” - Professora III	23
4.3	TERCEIRA PARADA: “Você fez um passeio com sua turma ao Parque Farroupilha. Receba R\$15000.” - Professora IV	24
4.4	QUARTA PARADA: “Seus alunos ganharam um prêmio pelos jogos que construíram. Receba R\$12000.” - Professora VIII	26
4.5	QUINTA PARADA: “Você está trabalhando demais. Descanse por uma rodada” - Professora IX	27
4.6	SEXTA PARADA: “Você encontrou muitas dificuldades para lidar com suas turmas agitadas. Pague 2.000.”	29
5	“DIA DO JUÍZO – MILIONÁRIO, MAGNATA OU FALÊNCIA”: REPENSANDO O CAMINHO PERCORRIDO.....	30
6	“MAGNATA (cuidado com a falência)”: CONCLUSÕES	37
	REFERÊNCIAS	39
	Apêndice A - Entrevista semi-estruturada realizada com as professoras dessa pesquisa.	41
	Anexo A - Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido utilizado nessa pesquisa. .	44

1 INTRODUÇÃO: CONHECENDO AS REGRAS DO JOGO

A palavra escola, tanto na versão latina quanto na versão grega, tem significado relacionado a lazer e ocupação. Esse significado se perdeu com o tempo, tornando a escola apenas um lugar de transmissão de saberes. Para retomar essa sua ligação com o lazer, se faz necessário cuidar da dimensão lúdica das tarefas escolares e possibilitar que os alunos sejam protagonistas em suas ações, dentro dos limites de seu desenvolvimento e dos materiais disponibilizados pelos professores (MACEDO, 2005). Entretanto, devido à agitação de alguns alunos que compõem o corpo discente, muitos professores evitam utilizar jogos nas salas de aula. Essa agitação também é muitas vezes chamada de indisciplina.

Logo, o objetivo do presente trabalho foi *investigar a forma de ação de professores de ciências em turmas que estes julgam indisciplinadas e/ou agitadas, considerando a utilização de jogos e outras atividades lúdicas.*

Os objetivos específicos deste trabalho foram: (a) investigar os critérios que os professores de ciências utilizam para considerar uma turma indisciplinada e/ou agitada; (b) investigar a utilização de jogos e outras atividades lúdicas por parte desses professores com as turmas em questão; e (c) analisar as justificativas da escolha da dinâmica de trabalho utilizada com essas turmas.

Este trabalho organiza-se semelhantemente ao jogo de tabuleiro “Jogo da Vida” da Grow®, no qual são apresentadas situações do cotidiano vivenciadas no decorrer do percurso e, ao seu fim, deve-se repensar a vida que passou. Porém, para entendermos melhor como esse tipo de jogo funciona, é importante caracterizá-lo. Este é um jogo de trilha ou de percurso, os quais são variantes do “Jogo do Ganso” inventado no século XVI (KLISYS, 2007). Os jogos de trilha são basicamente jogos de sorte, nos quais os jogadores percorrem o número de casas correspondente ao somatório tirado nos dados, cada um por vez. Durante o percurso, eles devem seguir as instruções trazidas nas casas do tabuleiro e, em alguns jogos, devem pagar ou receber alguma quantia, dependendo das instruções recebidas. Nesse tipo de jogo, vence o primeiro jogador que chegar ao final da trilha, ou o que tiver juntado a maior quantia de “dinheiro” (KLISYS, 2007). Da mesma forma que o “Jogo da Vida”, este trabalho apresenta suas regras, explica de onde partiram suas idéias principais, passa pela graduação de uma profissão (professor), vivencia situações do cotidiano da escola, repensa sobre essas situações e chega ao fim do percurso com algumas conclusões.

Para se começar um jogo é necessário primeiramente estar disposto a conhecer suas regras e aprender a jogá-lo. Por isso, a cartilha de regras dos jogos de trilha tem uma rápida apresentação do jogo, a forma como se joga, os materiais necessários, os objetivos do jogo e a forma como o jogo acaba. Dessa mesma forma, a introdução do trabalho apresenta o jogo e suas regras, mostra seus objetivos e descreve como este se organiza. O “Jogo da Vida” começa com a formação profissional do jogador, assim, o capítulo seguinte à introdução explica as experiências prévias da autora e as idéias que fundamentaram o trabalho com seus autores principais. No terceiro capítulo está descrita a metodologia, a qual é o ponto de partida do trabalho e que irá guiar seu percurso.

No “Jogo da Vida” o jogador se forma em uma profissão e passa a receber um salário durante todo o jogo. No capítulo quatro os profissionais pesquisados são apresentados e as características gerais de sua profissão são expostas. Dentre os professores pesquisados, cinco perfis foram escolhidos para serem aprofundados, e, assim, o jogo continua, sendo que cada perfil é um casa em que se pára no tabuleiro. Depois de terminado o percurso, o jogador enfrenta o “dia do juízo”, no qual ele reflete sobre a “vida” que passou e decide seu destino. Essa parte do jogo corresponde à discussão do trabalho, na qual os perfis descritos são analisados com base nos autores guia. Assim como o resultado do jogo depende da sorte, a vida escolar depende da personalidade dos professores, por isso seu resultado é bastante imprevisível. Através da análise crítica dos perfis apresentados, chega-se a uma conclusão e ao final deste jogo.

2 “JOGO DA VIDA”: MINHAS IDEIAS E AUTORES QUE LI.

O “Jogo da Vida” traz situações inusitadas que o jogador deve enfrentar. Diferentemente do jogo, neste trabalho, as situações as quais a autora se deparou puderam ser analisadas criticamente com base nos seus conhecimentos prévios do assunto. Este trabalho relaciona três grandes conceitos, a fim de buscar uma justificativa para a utilização ou não de jogos pelos professores de ciências em escolas estaduais de ensino fundamental. Os conceitos norteadores desse trabalho foram: (a) a diferença entre indisciplina e agitação na escola, baseado nas idéias dos autores Nelson Pedro Silva e Maria Luisa Xavier; (b) a ludicidade das atividades práticas e sua importância para a aprendizagem, baseado nas obras do autor Lino de Macedo; e (c) o jogo como formador moral do comportamento infanto-juvenil, baseado nas idéias dos autores Jean Piaget e Lino de Macedo.

Primeiramente, podemos explicar o que os autores entendem por indisciplina escolar, já que é um termo bastante amplo e muito discutido na área da educação. Pode-se definir indisciplina como a ausência ou a negação de comportamentos desejáveis, tais como a falta de limites, de atenção, de comprometimento, de organização do material, entre outros (XAVIER, 2002). Esses comportamentos desejáveis são definidos pela escola ou pelo professor, baseados em um modelo de comportamento ideal. Por isso, muitas vezes uma turma agitada é também considerada indisciplinada, pois nesta faltam muitos aspectos que caracterizam o comportamento ideal. Assim, muitos professores tendem a ver a agitação como algo negativo e comprometedor do rendimento escolar. No entanto, esta pode apresentar uma positividade no campo da aprendizagem, pois representa uma forma de linguagem dos alunos. Essa forma de comunicação expressa os efeitos do processo de ensino-aprendizagem, bem como características dos sujeitos envolvidos (XAVIER, 2002).

Por causa desse modelo de comportamento que os alunos supostamente deveriam possuir, algumas atividades deixam de ser realizadas da forma como deveriam. O brincar, por exemplo, é caracterizado pela liberdade de ação e pensamento, pela espontaneidade e pelo divertimento, características que vão de encontro com um contexto escolar voltado ao planejamento e a programas prescritivos (MOYLES, 2006). Sendo assim, muitas atividades que poderiam ser classificadas como lúdicas, como o jogo e as aulas práticas, perdem parte de sua identidade dentro da sala de aula, pois não apresentam a espontaneidade, nem a liberdade que poderiam.

Lopes (2005) discute a importância de dinâmicas escolares que acompanhem o desenvolvimento do aluno. Afirma que os alunos de hoje, por estarem sofrendo muitos estímulos diferentes desde muito cedo, não estão apenas desenvolvendo menos algumas capacidades cognitivas, mas também estão mais agitados e exigentes para com a forma de apresentação dos conteúdos pelo professor.

Os educadores muitas vezes se perdem e não conseguem mais atrair a atenção ou motivar seus alunos, pois se o educando mudou, o educador também precisa mudar. Os métodos tradicionais de ensino estão cada vez menos atraentes para a criança, ela quer participar, questionar, atuar e não consegue ficar horas a fio sentada ouvindo uma aula expositiva. (LOPES, 2005, pag. 22)

Essa incapacidade de ficar sentado na cadeira ouvindo o professor falar sem parar durante várias horas é, muitas vezes, confundida com indisciplina. Na verdade, caminhar na sala, conversar, questionar o professor e testar seus limites são formas de expressar a agitação inerente à vontade do aluno. Devido a essa forte exposição a estímulos desde os primeiros dias de vida, as crianças de hoje apresentam comportamentos distintos das crianças de meio século atrás. Sendo assim, o professor precisa entender essa mudança de comportamento, para, então, buscar novas abordagens para trabalhar de forma construtiva com esses alunos, e é nesse momento que entra o papel do jogo na escola (LOPES, 2005).

Em segundo lugar, para entendermos a importância do lúdico para a aprendizagem, devemos determinar as diferenças entre brincar e jogar, trazidas por Lino de Macedo. Brincar é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois possibilita que essa aprenda consigo e com objetos ou pessoas envolvidas em sua brincadeira. Brincar é envolvente, interessante e informativo. Ao contrário do que muitos possam pensar, brincar também é sério, pois requer envolvimento e muita concentração do jogador para fazer relações entre os objetos e pessoas que compõem o cenário de sua brincadeira. Entretanto, jogar e brincar não são a mesma atividade, mas estão intimamente ligados. Jogar é brincar em um contexto de regras e com um objetivo predefinido, enquanto brincar por si só não requer regras nem objetivos definidos. No jogo sempre há um vencedor e um perdedor, nas brincadeiras não (MACEDO, 2005). Devido à existência das regras que compõem os jogos, esse tipo de atividade exerce um papel muito importante na autodisciplina dos alunos, pois esses devem ser críticos consigo e com os demais para que o jogo tenha um bom resultado.

Brincar está presente na criança desde seus primeiros meses de vida. A criança pequena começa brincando com os objetos a sua volta para incorporá-los às suas estruturas mentais através dos jogos de exercício. Depois, ela começa a modificar o significado desses objetos, utilizando-os para os mais diversos fins nos jogos de faz-de-conta. E por fim, quando começa a interagir com outras crianças e a brincar juntamente, surgem os jogos de regra (MACEDO, 1997). Os jogos de regra herdam dos jogos de faz-de-conta as convenções, uma vez que a criança tem que criar parâmetros para a sua imaginação, os quais são baseados no seu conhecimento do mundo. Assim, as regras são combinações arbitrárias estipuladas pelos jogadores com base no seu conhecimento de mundo (MACEDO, 1997). O jogo de regra é um jogo de significados, no qual o desafio é superar a si mesmo e/ou aos outros jogadores a cada partida que se joga. Essa característica estimula o espírito competitivo entre os jogadores, o qual pode ser encarado com certa aversão, mas que também representa uma ajuda na formação da auto-estima da criança. Outro aspecto que é valorizado nesse tipo de jogo é a competência dos jogadores, a qual é caracterizada pelo desafio de superar a si mesmo (MACEDO, 1997). O desenvolvimento da competência do aluno é um aspecto muito importante do jogo de regra, especialmente para os alunos indisciplinados. Entretanto, é uma característica não compreendida pela maioria dos professores.

As atividades práticas, como as experiências, por sua vez, quando instigam o pensamento e a criatividade do aluno, são caracterizadas pela espontaneidade e pelo divertimento. No momento de proposição de hipóteses e na tentativa de explicar um evento, essas atividades instigam um exercício mental muito parecido com o brincar. Entretanto, diferentemente deste, as experiências possuem uma sequência necessária a ser seguida (protocolo) e apresentam resultados esperados, características estas que as aproximam dos jogos. Dessa forma, neste trabalho trataremos como atividades práticas tanto os jogos quanto as aulas práticas propriamente ditas, tais como as experiências.

Aulas práticas são aulas que contém a realização de uma atividade de caráter prático, a qual permite que o aluno tenha contato direto com fenômenos naturais, manuseio de equipamentos ou observação direta de organismos (ROSSASI, 2011). As aulas práticas podem ser individuais ou em grupo, nas quais os responsáveis pela realização e pelas conclusões são sempre os alunos. A forma de propor o problema e as orientações fornecidas pelo professor determinarão o envolvimento dos alunos no decorrer da prática. Esse envolvimento dependerá principalmente do grau de liberdade que o aluno terá para pensar e executar o experimento e a proximidade do problema das questões de seu cotidiano. As aulas demonstrativas são muitas vezes chamadas de práticas pelos professores, no entanto, estas

servem principalmente para apresentar aos alunos espécimes e fenômenos de difícil representação ou explicação teórica (ROSSASI, 2011). Nessa modalidade, o aluno não participa ativamente da experimentação, apenas a observa. As aulas práticas participativas, diferentemente das aulas demonstrativas, apresentam um caráter lúdico, o qual se assemelha ao do jogo, pois o aluno é livre para raciocinar em cima dos dados apresentados pelo professor e criar hipóteses para explicar o motivo de ter obtido determinado resultado. Esse trabalho mental livre é muito importante para o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo do aluno.

Apesar da importância dos jogos e das aulas práticas para o aprendizado, notei que a maioria dos professores que conheci ao longo do curso não utiliza estes recursos em sala de aula. Estou terminando o curso de ciências biológicas nesta universidade, e, desde o primeiro semestre, já cursei disciplinas da Faculdade de Educação (FACED), pois sempre estive certa de que gostaria de lecionar quando formada. Atualmente, já efetuei diversas observações de aulas de ensino médio e fundamental em escolas da rede pública de Porto Alegre e já realizei os dois estágios obrigatórios do curso. Tais atividades me inspiraram e motivaram a criar o presente projeto de pesquisa.

Meu primeiro estágio foi realizado em uma escola pública do Sistema Estadual de Ensino, onde lecionei biologia para uma turma de primeiro ano durante os meses de outubro e novembro de 2009. Minha turma era um pouco agitada, mas houve diversos momentos em que todos prestavam atenção às minhas explicações e ficavam em silêncio. A matéria que lecionei foi a composição das células. Nessa turma eu utilizava, principalmente, o quadro branco e polígrafos. No entanto, para tentar minimizar a abstração do assunto trabalhado, montei com a turma um modelo de célula, que utilizou massinha de modelar e gel de cabelo. Os alunos modelaram a massinha para formar as organelas de acordo com minhas instruções e, juntos, ao final da aula, montamos uma célula animal e outra vegetal. A dinâmica foi muito divertida e proveitosa para mim e para os alunos. Além disso, fiz um jogo de tabuleiro para uma aula de revisão e um cartaz representando uma célula junto com os alunos para diversificar um pouco os métodos das aulas.

A resposta dos alunos às aulas diferentes era muito positiva, pois eles se mostravam interessados e realizavam tudo o que lhes era pedido. Na aula do jogo de revisão a maioria dos alunos se envolveu durante toda a atividade. O tabuleiro e as perguntas foram levados prontos à aula, mas as regras do jogo foram definidas juntamente com a turma, o que fez com

que todos as respeitassem. Assim, percebi que, por terem participado do processo de elaboração das regras do jogo, a maioria dos alunos apreciou muito a atividade. Na montagem da célula de massinha de modelar, os alunos também participaram ativamente de todo o processo e a aula foi bastante produtiva. Porém, em função do espaço físico, no momento da montagem das células, apenas alguns alunos puderam ajudar efetivamente, o que desmotivou parte da turma, a qual ficou em seus lugares conversando. Mesmo assim, acredito que, por mais que no momento da execução a aula pareça não ter funcionado como planejado, o simples fato de existirem aulas diferentes já fazia com que os alunos se interessassem mais pelas aulas de ciências em geral. Por outro lado, as aulas da professora-titular dessa turma eram muito monótonas e geralmente utilizando a mesma metodologia. Em nenhuma das aulas que observei, ela realizou jogos, experiências ou qualquer outra atividade que possa ser considerada lúdica. Esse fator, ao final do estágio, deixou-me curiosa, porque eu havia tido experiências muito positivas com a utilização dessas dinâmicas na mesma turma, durante o estágio já referido.

Em seguida, realizei meu segundo estágio em uma escola pública do Sistema Federal de Ensino, lecionando ciências a uma turma de oitavo ano, antiga sétima série, no primeiro semestre de 2010. Minha turma foi a mais agitada e indisciplinada do oitavo ano na concepção de seus professores e, de fato, era uma turma muito difícil. Nessa escola, a avaliação bimestral é composta por duas notas: uma de avaliações parciais e uma da prova bimestral. Todas as turmas da série realizam a mesma prova bimestral e as avaliações parciais podem variar de uma turma para a outra de acordo com o método adotado pelos professores. Por causa desse sistema de avaliação, meu estágio foi muito corrido, pois minha turma deveria “ver” os mesmos conteúdos que as demais, para não ficar prejudicada na realização da prova bimestral. Durante o estágio utilizei, principalmente, o quadro-negro e alguns textos explicativos. Para tentar variar o método de ensino aplicado, procurei fazer uma aula no laboratório de ciências do colégio, alguns trabalhos em dupla e passar um vídeo à turma. Apesar de uma tentativa de acordo de silêncio com a turma, ao final do estágio muitos alunos comentaram que eu deveria ter mais controle em sala de aula, pois houve muita conversa durante as aulas. Devido à grande conversa e interrupções da aula, muitas atividades que eu gostaria de ter realizado, não o fiz por medo de perder o controle que eu tinha da turma, ou porque não daria tempo dentre os períodos que eu dispunha. Eu gostaria de ter realizado um jogo ou uma atividade mais lúdica e dinâmica durante meu estágio, mas pelos temores que já mencionei, não o fiz. Acredito que esse estágio tenha sido bom para os alunos, mas para mim ele foi muito difícil, pois me senti presa a um cronograma imposto pela escola. Nesse aspecto,

o estágio gerou estresse e frustração, os quais me fizeram refletir principalmente sobre o assunto aqui apresentado.

As dificuldades que encontrei com ambas as turmas que trabalhei são dificuldades muito comuns entre os professores, sendo que a problemática da agitação e/ou indisciplina de algumas turmas é uma das mais recorrentes no cotidiano escolar. Cada turma de crianças e adolescentes tem uma identidade própria e algumas são caracterizadas por seus professores como agitadas ou indisciplinadas. Essa característica de uma turma pode influenciar muito a escolha dos métodos de ensino que o professor irá aplicar na mesma, sendo que este pode eventualmente evitar a utilização de jogos por medo de que a agitação sobreponha seu controle da turma, como ocorreu comigo no meu último estágio. Dessa forma, muitos professores realizam jogos e outras atividades lúdicas apenas com turmas que se aproximam de um modelo de comportamento desejável, as ditas “turmas calmas”. Entretanto, as turmas agitadas precisam muitas vezes de uma atividade menos controlada e mais espontânea, para que estas possam utilizar positivamente sua agitação.

Assim, entramos no terceiro conceito a ser trabalhado: o jogo como regulador do comportamento social escolar, baseado nas idéias de Jean Piaget. Epistemólogo suíço, famoso por suas teorias sobre o desenvolvimento infantil, Piaget criou a Epistemologia Genética a partir de sua Psicologia Genética, na qual investigou o desenvolvimento infantil. A partir dessa investigação inferiu três etapas distintas, sendo que cada uma possui um período médio, que varia entre as crianças. Porém, Piaget (1971) afirma que todas as crianças passam pelas mesmas etapas na ordem assinalada por suas investigações: período sensório-motor, pré-operatório, operatório, o qual se subdivide em operatório concreto e operatório formal. Em cada uma dessas etapas as estruturas cognitivas da criança estão em um estágio de desenvolvimento, sendo que algumas ações, como a formulação de hipóteses, só são possíveis nas últimas etapas. Neste trabalho abrangeram-se apenas as crianças que frequentam a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, pois é a partir de tal série que se começa a estudar ciências como uma disciplina específica. Sendo assim, presume-se que a fase de desenvolvimento em que se encontram essas crianças e adolescentes é o estágio operatório concreto, o operatório formal e a transição entre eles.

Segundo Piaget (2005), a partir dos sete anos é possível verificar uma mudança drástica de comportamento nas crianças, idade que se correlaciona com a entrada na vida escolar. A partir dessa idade a criança começa a desenvolver um comportamento coletivo e o processo

reflexivo acerca de suas ações. Esse processo reflexivo é trabalhado e aprimorado nas séries iniciais e, quando chega à 5ª série, a criança já deve ser capaz de agir menos impulsivamente ou, pelo menos, refletir sobre suas ações. Essas estruturas são fundamentais para ingressar na adolescência, que é a fase mais presente no Ensino Fundamental.

Quando comparado a uma criança,

...o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e 'teorias'. A criança não constrói sistemas, ela os tem inconscientemente ou pre-conscientemente, no sentido de que estes são informuláveis ou informulados, e de que apenas o observador exterior consegue compreendê-los, já que a criança não os 'reflete'. (...) Ao contrário, o que surpreende no adolescente é o seu interesse por problemas inatuais, sem relação com as realidades vividas no dia-a-dia, ou por aqueles que antecipam, com uma ingenuidade desconcertante, as situações futuras do mundo, muitas vezes quiméricas. O que mais espanta, sobretudo, é sua facilidade de elaborar teorias abstratas. (PIAGET, 2005, pag. 58).

Assim, crianças em fase de transição para a adolescência estão em um processo de desenvolvimento da sua capacidade reflexiva, não apenas sobre seus atos, mas sobre os conhecimentos que lhe são apresentados. A partir da adolescência, os indivíduos já conseguem ter uma visão mais crítica do que lhes é dito, pois eles sabem que as teorias foram criadas por pessoas e que elas também podem ser modificadas. Nessa fase, está em construção a personalidade do sujeito, a qual é um reflexo de sua vida social. Para Piaget (2005) a personalidade da pessoa está ligada com o "papel" que ela exerce na sociedade, e a formação dessa sociedade depende das relações de submissão e auto-submissão a qual a mesma está exposta. Assim, a educação moral continua apresentando uma grande importância nessa fase, especialmente porque é na escola que a maioria das crianças e adolescentes encontra os parâmetros sociais para moldar sua personalidade.

Piaget (1998) defende a idéia de que a moral não é uma característica inata, ou seja, ela é aprendida com o passar dos anos através das relações interpessoais, como traz em sua passagem:

Para que as realidades morais se constituam é necessária uma disciplina normativa, e para que esta disciplina se constitua é necessário que os indivíduos estabeleçam relações uns com os outros. Quer consideremos as normas morais como impostas *a priori* ao espírito, quer nos atenhamos aos dados empíricos, é sempre verdade, do ponto de vista da experiência psicopedagógica, que é nas relações interindividuais que as normas se desenvolvem: são as relações que se constituem entre a criança e o adulto ou entre ela e seus semelhantes que levarão a tomar consciência do dever e a colocar acima de seu eu

essa realidade normativa que consiste a moral. (PIAGET, 1998, pag. 26)

Logo, é possível dizer que a escola exerce um importante papel na formação da moral, porque é nela que se reúnem muitas crianças de faixa etária e níveis de desenvolvimento próximos, possibilitando um número infinito de relações interpessoais. Ainda, para algumas crianças a escola é o único espaço de interação social, dessa forma, é neste local que elas devem aprender a conviver em sociedade. A própria indisciplina é uma demonstração da falta de respeito às regras, tornando a escola responsável por trabalhar a moral necessária à vida em sociedade. Assim, se faz necessário promover a convivência entre os alunos e a aprendizagem da moral através de atividades em grupo, tais como o jogo.

Portanto, considerando esses três conceitos norteadores e as experiências que vivenciei em meus dois estágios obrigatórios, surgiu o presente tema. Minha escolha se deve principalmente à importância de estudos que investiguem o modo de ação dos professores frente às turmas por eles consideradas indisciplinadas, especialmente em situações que fujam ao ensino escolar clássico. Tendo conhecimento da realidade de alguns professores, podemos entender melhor o problema e, assim, buscar novos métodos para que atividades mais dinâmicas, como os jogos, se tornem parte do cotidiano dessas turmas.

3 “SAÍDA – Ganhe R\$10.000 e comece a jogar”: como começou o trabalho

As pesquisas na área da educação se aproximam com as pesquisas na área da sociologia, e, por isso, apresentam uma estrutura dividida em três momentos distintos: (a) pesquisa bibliográfica; (b) observação de campo; e (c) coleta de dados através de entrevistas (BONI, 2005). O momento de observação de campo ocorreu durante os estágios que realizei, os quais foram a inspiração para este trabalho, e os outros dois momentos estão presentes no decorrer do processo reflexivo aqui exposto. Logo, este trabalho é composto por uma pesquisa qualitativa com estudos de caso etnográficos. Estudo de caso é o estudo de um caso em particular, a fim de compreendê-lo enquanto instância particular, mas vinculado ao universo no qual está imerso. Etnografia é um método derivado da antropologia social e que representa uma tentativa de estudar a sociedade e sua cultura. A pesquisa etnográfica em educação busca compreender como diferentes pessoas interpretam variadas situações, na qual o pesquisador não procura uma verdade única, mas sim um conjunto de conceitos e visões (VIÉGAS, 2007). Assim, este estudo buscou, através de entrevistas semi-estruturadas, entender como diferentes professores enxergam a mesma situação, que é a utilização de jogos na sala de aula, e com os dados coletados buscar justificar os “por quês” da visão desses professores.

A entrevista semi-estruturada foi confeccionada pela pesquisadora e buscou investigar de forma indireta os pontos a serem analisados no decorrer do trabalho. Após pronta a entrevista, diversas escolas estaduais de ensino fundamental foram contatadas por telefone e visitas foram agendadas de acordo com a disponibilidade dos professores. A escolha das escolas visitadas ocorreu de acordo com a disponibilidade e receptividade da escola e com a ligação das mesmas com experiências anteriores da aluna pesquisadora. O objeto inicial do trabalho era que, dentre as escolas visitadas, haveria escolas da rede estadual e da rede municipal. Entretanto, devido à dificuldade de acesso às escolas municipais, o trabalho limitou-se à investigação do tema apenas em escolas estaduais de Porto Alegre.

As entrevistas com os professores foram precedidas de um termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos mesmos (anexo A), o qual permite a utilização das informações obtidas junto aos professores. Para a realização das entrevistas, fui acompanhada de um colega do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, o qual também está realizando seu trabalho de conclusão de curso nessa área.

Para este trabalho, foram entrevistadas nove professoras de sete escolas estaduais de ensino fundamental da cidade de Porto Alegre. As entrevistas foram orais e investigaram as

metodologias de ensino utilizadas pelo professor entrevistado e sua opinião sobre assuntos referentes ao trabalho. Essas foram baseadas em perguntas semi-estruturadas e realizadas de forma livre, sendo que os dados surgiram espontaneamente durante as mesmas (apêndice A). O tempo da entrevista variou de acordo com o tempo disponível de cada professora. Algumas entrevistas foram realizadas no turno da manhã e outras no turno da tarde, mas todas com agendamento prévio pelo telefone. As professoras nos receberam na própria escola, na sala da diretora, na secretária ou na sala dos professores. Uma cópia da entrevista semi-estruturada e uma do termo de consentimento livre e esclarecido foram entregues às professoras. Depois de realizadas as entrevistas, as respostas objetivas foram organizadas em forma de quadro, a fim de determinar o perfil do grupo das professoras entrevistadas, e as respostas subjetivas foram exploradas na descrição dos perfis individuais.

4 “PARABÉNS! VOCÊ SE FORMOU NA FACULDADE!”: CONHECENDO OS PROFESSORES ENTREVISTADOS

A partir das entrevistas foi possível determinar o perfil de nove professoras, com base em dados quantitativos e qualitativos. A primeira parte da entrevista foi composta por perguntas para determinar quantitativamente o perfil do grupo de professoras entrevistadas, tais como o número de escolas e turmas para as quais leciona, o período pelo qual está exercendo a profissão e sua formação acadêmica. O resultado dessa parte das entrevistas está exposto no quadro 1.

Quadro 1: Respostas utilizadas para determinar o perfil do grupo de professores.

Professor	Perguntas				
	Em quantas escolas trabalha?	Em quais séries leciona?	Em quantas turmas leciona?	Quando começou a lecionar?	Qual sua formação acadêmica?
I	1	5,6,7 e 8	4	1973	Química
II	1	5	1	1999	Biologia
III	2	5,6,7 e 8	8	2010	Biologia
IV	2	5, 6 e 7	9	1990	Ciências
V	1	5 e 6	4	2002	Ciências
VI	1	5, 6, 7 e 8	s/ info	2000	Biologia
VII	3	8 e EM	18	2002	Química
VIII	2	5, 6 e 7	5	1988	Biologia
IX	3	5,6,7 e 8	8	2007	Biologia

Fonte: A autora (2010)

Todas as professoras presentes nesse estudo são professoras de ensino fundamental, sendo que apenas duas delas lecionam também no ensino médio ou em EJAs (programas de educação de jovens e adultos). Dentre elas, quatro trabalham apenas em uma escola e cinco em duas ou mais escolas. Apenas uma das professoras entrevistadas não leciona na quinta série e quatro das nove professoras lecionam em todas as séries do ensino fundamental. A maioria das professoras (seis de nove) apresenta de três a nove turmas sob sua

responsabilidade. Em relação à formação acadêmica, cinco apresentam graduação em biologia, duas em ciências (licenciatura plena) e duas em química. Além disso, o tempo de atuação foi muito variável, pois enquanto algumas professoras lecionam a mais de 15 anos, algumas começaram a menos de cinco anos.

Essas informações acerca do perfil desse grupo de profissionais nos fornecem bases para entender algumas atitudes e pensamentos das professoras que apareceram no decorrer das entrevistas. Apesar das condições profissionais serem as mesmas (professoras de ciências da rede estadual de ensino fundamental de Porto Alegre), veremos que a personalidade e o ambiente particular de cada uma dessas profissionais resultam em práticas escolares bastante distintas entre si. Dessa forma, a segunda parte da entrevista levantou dados qualitativos para determinar o perfil individual de algumas dessas professoras, como será apresentado a seguir.

Para traçar o perfil individual dessas profissionais, foram analisadas as respostas às perguntas, tais como: (a) A professora realiza aulas práticas? (b) Se sim, com que frequência? (c) A professora realiza jogos em aula? (d) Quais outras atividades realiza com suas turmas? (e) Realiza essas atividades igualmente em todas as turmas? (f) Se não, o que a desmotiva a fazê-lo? e (g) Como a atitude dos alunos influencia na escolha da dinâmica da aula?

O tempo da entrevista foi diferente entre as professoras, devido à diferente disponibilidade de horário das mesmas, gerando distintos graus de aprofundamento nos perfis. Dessa forma, foram escolhidas cinco professoras, cujos perfis serão aprofundados a seguir. A escolha desses cinco perfis dentre os nove disponíveis foi devida a critérios determinados pela pesquisadora, tais como a presença do uso de jogos na fala das professoras, a motivação ou desmotivação aparente das entrevistadas, a presença dos termos agitação e indisciplina na entrevista, entre outros.

4.1 PRIMEIRA PARADA: “Você foi promovida a vice-diretora da escola. Receba R\$5000.” - Professora II

O primeiro perfil trata da professora II que leciona para uma turma de 5ª série e é também vice-diretora no turno da tarde. A escola na qual trabalha localiza-se no centro da cidade de Porto Alegre, motivo pelo qual recebe alunos de diversas condições sociais, pois faz

parte de um bairro bastante tradicional e diverso. A entrevista foi conduzida à tarde e, devido a sua função de vice-diretora, fomos interrompidas diversas vezes por alunos e funcionários.

A professora II é graduada em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) desde 1990. Desde que concluiu seu curso superior, sempre lecionou turmas de ensino fundamental em escolas públicas estaduais, porque prefere trabalhar com crianças. Por ter a mãe professora, cresceu nesse meio e, por isso, sempre teve gosto pela profissão. Quando questionada sobre alguma turma marcante, a professora II disse que não se lembrava de uma turma específica, porém diversos grupos de alunos a marcaram, por causa de afinidades e interesses comuns.

A escola em questão apresenta tanto laboratório de biologia, quanto de informática, porém, o primeiro é muito pouco usado e por isso está bastante desgastado e desorganizado. Segundo a professora entrevistada, ninguém faz a manutenção do laboratório ou o utiliza para qualquer outro fim. Contudo, a professora diz realizar aulas práticas com sua turma, nas quais ela começa escrevendo o protocolo no quadro e realiza geralmente uma experiência para a turma inteira. Diz ainda considerar muito importante a realização de atividades práticas no ensino de ciências, e por isso, procura sempre fazê-las independentemente da atitude da turma. Entretanto, devido à agitação dos alunos, ela evita realizar saídas de campo com os mesmos. Além das referidas aulas práticas esta professora realiza trabalhos em grupo e trabalhos artísticos, uma vez que esta turma aprecia isso. Por outro lado, não é realizado nenhum tipo de jogo, pois a turma é muito agitada e difícil de ser controlada, explica a professora. Em seguida, quando questionada se realizava essas atividades com todas as turmas, a professora respondeu que o uso destas dependia do comportamento dos alunos.

O ensino nas quintas séries da rede pública é bastante dificultado devido à heterogeneidade dos alunos, oriunda da grande diferença de idade entre eles, explicou a professora. Quanto ao comportamento de grupos mais agitados, comentou que tem achado as “brincadeiras” de seus alunos mais violentas e o uso de “palavrões” mais freqüente. Preocupa a professora, a naturalidade deste comportamento. Além disso, não há comprometimento dos alunos, que apesar de pedirem aulas diferentes, não levam material quando solicitado nem colaboram com a realização da atividade. Esse descomprometimento deve-se à descrença no sistema educacional, pois “eles acham que não fazer as atividades não dá nada. Eles podem não passar de ano e fazer um EJA mais tarde”, diz a professora.

No fim, quando perguntada como se sente e o que mudou no seu modo de lecionar com a experiência, disse achar que talvez canse de lecionar daqui a alguns anos, principalmente em função do aumento da violência nas escolas. Por enquanto, ela ainda parece bastante animada

e motivada com a profissão, apesar dos pontos negativos que mencionou. Ela acredita que realizar aulas práticas e diferentes é importante, e por isso o faz, mesmo tendo dificuldades. A entrevista foi positiva, pois a professora passou uma visão agradável da educação em escolas públicas, independente das dificuldades já esperadas ao se trabalhar com um grupo tão heterogêneo de alunos.

4.2 SEGUNDA PARADA: “Um de seus alunos foi suspenso por lhe ofender em aula. Fique uma rodada sem jogar.” - Professora III

A professora III trabalha na mesma escola da professora II e outra escola não visitada, lecionando para um total de oito turmas que variam da 5ª à 8ª série do ensino fundamental. A entrevista foi conduzida na sala dos professores, na parte da tarde e pôde ser feita com calma sem grandes interrupções. A professora III se formou em Biologia no IPA em 2008 e começou a trabalhar no estado em 2010, como contrato emergencial. Apesar de, na graduação, não pensar em ser professora, a estabilidade da profissão a fez mudar de idéia.

Quando questionada se alguma turma havia lhe marcado, comentou que a 7ª série da escola lhe causa uma boa impressão. Ela explicou que isso se deve ao fato da aula “fluir”, apesar da agitação da turma. Ela explica que os alunos dessa turma, apesar de bastante agitados, são respeitosos e participam das atividades propostas, por isso, o trabalho na turma tem sido muito positivo.

Como visto na entrevista anterior, o laboratório de biologia da escola está em condições precárias o que faz com que a professora não o utilize com suas turmas. Mesmo assim, pelo menos uma vez por trimestre, realiza aulas práticas, às quais agradam os alunos os alunos. Por outro lado, a professora reclama da falta de tempo para concluir as atividades e da falta de reconhecimento do seu esforço por parte dos alunos, uma vez que eles não aproveitam a aula prática e não colaboram com sua realização. Além das aulas práticas, a professora também procura passar filmes para os alunos e pretende fazer uma feira de ciências na escola. Entretanto, ela realiza poucos trabalhos, porque os alunos não têm onde pesquisar, segundo a professora; e não realiza qualquer espécie de jogo. A professora afirmou que não realiza as mesmas atividades em todas as turmas, por causa da diferença de comportamento entre elas. Ela deu o exemplo das duas 5ª séries da escola, com as quais trabalha, sendo uma turma

bastante agitada e outra indisciplinada, desrespeitosa. A professora confessou que se esforça menos com as turmas mais agitadas e faz um trabalho melhor com as mais calmas.

Quando perguntada sobre o que tem mudado na escolha das dinâmicas em sala de aula nesse um ano que está na profissão, disse que tem adquirido confiança para lecionar. Afirma ter mais segurança no seu conhecimento e ficar mais calma na hora de dar aula, tem, inclusive, preparado menos suas aulas. A professora também reclamou que os alunos são pouco interessados na escola e que muitos não deveriam estar na série que estão, porque mal sabem escrever. Além disso, ela reclamou que tem muitos alunos agitados, alguns inclusive que são medicados por causa disso. Apesar desse desinteresse e agitação, a professora disse que nunca vivenciou nenhuma violência física em sala de aula, apenas verbal, na forma de “palavrões”. Apesar do pouco tempo de profissão, ela se mostrou desmotivada. Ela me pareceu que não planejava lecionar e que acabou aceitando o ofício como uma segunda opção, o que implica numa menor motivação frente a turmas que requerem mais trabalho, como as turmas mais agitadas. Dessa forma, essa professora me parece já pouco motivada a seguir na profissão por muitos anos.

4.3 TERCEIRA PARADA: “Você fez um passeio com sua turma ao Parque Farroupilha. Receba R\$15000.” - Professora IV

A professora IV trabalha atualmente em duas escolas estaduais de ensino fundamental de Porto Alegre, sendo que, para a entrevista, respondeu às perguntas com base no trabalho que realiza na escola que fica no bairro Azenha. Considerando ambas as escolas nas quais trabalha, possui nove turmas de 5^a, 6^a e 7^a série. A entrevista foi realizada em um dia à tarde, na sala dos professores, sem muitas interrupções. A professora IV é formada em Ciências, Licenciatura plena, pela FAPA há mais de 20 anos. Ela já lecionou matemática em escolas particulares, mas há cinco anos leciona apenas em escolas estaduais, sendo responsável pela disciplina de ciências. Entretanto, a professora confessou que prefere lecionar matemática a ciências.

Quando perguntada se lembrava de alguma turma marcante, ela lembrou-se de mais de uma. Ela citou uma turma de 7^a série e outra de 8^a série, sendo que a segunda era uma turma bastante problemática, mas que as professoras conseguiram mudar seu comportamento e fazer com que os alunos se dedicassem mais a escola, motivo esse que a tornou bastante marcante.

Ela comentou que era uma turma bastante indisciplinada, sem limites e desrespeitosa, mas não violenta.

A escola, na qual foi conduzida a entrevista, não possui laboratório de ciências, mesmo assim, a professora disse que realiza aula práticas sempre que consegue. Como não tem um local apropriado para tais atividades, elas são realizadas no pátio da escola ou na própria sala de aula. As experiências são realizadas em grupos grandes e os alunos devem entregar um relatório da atividade depois da aula. Os alunos gostam e participam bastante dessas atividades. Além das aulas práticas, a professora indica experiências simples para os alunos fazerem em casa e realiza saídas de campo. Ela comentou que costuma levar as turmas de 6ª série ao Parque Farroupilha para estudarem os seres vivos. Utiliza também vídeos em suas aulas e procura fazer diversos trabalhos interdisciplinares que abordem temas do cotidiano dos alunos. Entretanto, não realiza qualquer espécie de jogo em sala de aula.

A professora IV foi a única, dentre as nove professoras entrevistadas, que afirmou realizar as mesmas atividades com todas as turmas. Sua justificativa foi que ela tenta ao menos uma vez fazer qualquer atividade com a turma, independente de seu comportamento usual. Entretanto, se a aula se torna muito difícil por causa da falta de colaboração dos alunos, ela não realiza mais esse tipo de atividade com a turma que não colaborou. Apesar disso, explica que alguns alunos não podem ser levados a campo, porque não sabem se comportar. Ela também explica que as atividades nunca são exatamente iguais para todas as turmas, porque cada uma tem suas particularidades, mas, na medida do possível, tenta dar as mesmas oportunidades a todos. Executar uma aula prática em turmas indisciplinadas é uma atividade difícil, mas a professora comentou que gosta do desafio, por isso sempre faz uma tentativa.

Quando questionada sobre o que mudou nesses 20 anos em que leciona, respondeu achar o ensino mais flexível com o aluno atualmente. Disse que antigamente o professor era mais respeitado, apesar de sempre ter existido problemas de comportamento. Além disso, acredita que a família não tem dado a educação necessária em casa, por isso os alunos chegam sem limites na escola e os professores têm que aprender a lidar com eles. A professora comentou que é bastante severa e que não tolera mau comportamento, mas que se precisar, está sempre aberta ao diálogo. A fim de que seus alunos a obedecessem, desenvolveu táticas especiais, tais como obrigá-los a levar o livro didático em todas as aulas, com risco de perder nota caso não o façam. Para não ser autoritária e mandar sem motivo, em função de obrigá-los a levar o livro todos os dias, a professora sempre utiliza os livros em sala de aula. Um aspecto

interessante dessa entrevista foi quando a professora comentou que os alunos que mais aproveitam as atividades práticas muitas vezes são os alunos mais agitados. De forma geral, essa entrevista foi positiva, pois a professora faz atividades práticas e diferentes com suas turmas, independente do “rótulo” de agitada que elas venham a ter.

4.4 QUARTA PARADA: “Seus alunos ganharam um prêmio pelos jogos que construíram. Receba R\$12000.” - Professora VIII

A professora VIII trabalha atualmente em uma escola estadual, localizada na zona norte da cidade de Porto Alegre, e em uma particular, nas quais leciona para turmas de 5^a, 6^a e 7^a séries. A entrevista foi realizada na secretaria da escola, e não tivemos problemas de interrupção. A professora VIII é graduada em Educação Infantil e Biologia e apresenta pós-graduação em Psicopedagogia. Ela disse que sempre preferiu trabalhar no ensino fundamental e tem trabalhado na profissão desde 1988, sendo que começou na escola em 2008. Quando questionada sobre as turmas que lhe marcaram, a professora respondeu que não houve turmas marcantes, mas sim alunos. Ela comentou que esses alunos são geralmente da 7^a série, porque é o ano em que se estuda o corpo humano, e eles são muito interessados e curiosos.

A escola apresenta um bom laboratório de ciências e a professora tem o hábito de usá-lo sempre que possível. Os alunos gostam das aulas práticas, mas, infelizmente, as turmas da 5^a série não conseguem executar bem as tarefas e a professora tem que exigir sempre um relatório ao final da aula. Mesmo assim, a professora disse que se pudesse faria todas as suas aulas no laboratório, e pretende usá-lo mais ainda este ano. Além disso, jogos, vídeos e trabalhos com o livro didático também são dinâmicas adotadas pela professora VIII. Uma proposta que ela tem implementado em suas turmas é a montagem de jogos para serem utilizados com outras turmas, inclusive com alunos que apresentam necessidades especiais. Logo, além de trabalhar com jogos em aula, a criação de jogos e o uso dos mesmos com turmas diferentes também são estimulados. A professora comentou inclusive, que muitas vezes pede para os alunos executarem atividades de coletas de dados, nas quais eles devem sair pela escola questionando outros alunos. Também foi implementado na escola um mural de ciências, no qual os alunos trazem notícias, reportagens ou qualquer outro material acerca da matéria que acharam interessantes. Esse material pode ser apresentado em aula ou ser deixado no mural, dessa forma os alunos motivam-se a procurar sozinhos assuntos de seu interesse, para compartilhar com os colegas posteriormente. De uma forma geral, a professora

parece movimentar bastante a escola e comentou que escolheu essa escola para trabalhar, exatamente porque ela lhe possibilita esse tipo de prática.

O livro didático também é bastante usado em sala de aula, por uma política da escola, a qual afirma que os alunos precisam aprender a interpretar textos. Por isso, os professores devem estimular a leitura do livro em suas aulas. Com tantas opções de atividades, a professora disse que raramente utiliza a mesma dinâmica em duas turmas da mesma série, pois os alunos sempre conversam e ela gosta de preservar o caráter surpresa da atividade. A atitude dos alunos também influencia na aula, mas dificilmente a professora deixa de trabalhar com atividades práticas só porque uma turma é agitada. No entanto, dificilmente se atinge a todos os alunos, porque as turmas são grandes e heterogêneas, mas tais atividades são sempre executadas. A professora afirmou que a 5ª série é a que apresenta maiores dificuldades ao trabalho, porque os alunos são muito infantis e agitados. Comenta também que os alunos atuais são muito dependentes dos professores, pois querem que o conteúdo seja todo esmiuçado e não pesquisam muito por conta própria.

Quando lhe perguntei o que mudou nesses mais de 20 anos de trabalho, a professora disse que a ciência mudou e continua a se atualizar, logo ela também teve que mudar, como por exemplo, no caso da internet. No entanto, ela continua bastante motivada a lecionar e faz aulas práticas, jogos e atividades diferentes porque as considera muito importantes para a aprendizagem. Logo, essa entrevista foi muito positiva, pois, ao contrário do esperado, mesmo após 20 anos de carreira, a professora VIII continua bastante motivada e pode ser considerada uma fonte de inspiração para os professores que estão ingressando na profissão.

4.5 QUINTA PARADA: “Você está trabalhando demais. Descanse por uma rodada” - Professora IX

A entrevista com a professora IX foi realizada no mesmo dia e mesmo horário que com a professora VIII, pois ambas lecionam na mesma escola estadual. Essa professora trabalha em três escolas estaduais de ensino fundamental de Porto Alegre, lecionando atualmente oito turmas de 5ª a 8ª série. As três escolas apresentam realidades sociais bem diferentes, sendo que a escola em questão possui ótimas condições físicas, financeiras e pessoais, se comparada com as demais. A professora é formada em Biologia e já lecionou

também no ensino médio, mas confessou preferir o ensino fundamental, porque os alunos valorizam mais quando ela faz aulas diferentes. Ela trabalha em escolas estaduais desde 2007 e afirma que já teve turmas bastante marcantes, positiva e negativamente. A escola estadual na periferia de Porto Alegre, na qual também trabalha, apresenta uma realidade social muito ruim, porque os alunos são muito violentos, alguns estão envolvidos com drogas e a maioria não colabora na aula. Por outro lado, ela comenta que a 8ª série da escola onde a entrevistamos é uma turma muito boa de trabalhar, pois os alunos são participativos e envolvidos na aula, apesar de agitados.

Como sabemos, a escola apresenta um bom laboratório de ciências, mas a professora IX parece não usá-lo com muita frequência. Ela afirma que faz mais experimentações com a 8ª série, especialmente nos assuntos relativos à química, mas suas aulas práticas são demonstrativas. Além das aulas experimentais demonstrativas, a professora realiza também atividades em grupo. Entretanto, não utiliza jogos em sala de aula, porque ainda não conseguiu achar boas fontes para prepará-los. A atitude dos alunos interfere muito na escolha da didática utilizada em aula. A turma da 7ª série da escola, segundo a professora, não responde bem às atividades propostas, porque os alunos não têm criatividade e não se empenham em fazer as atividades. Já as turmas de 8ª série são mais produtivas, apesar de bem diferentes entre si. Segundo ela, uma turma é mais interessada, estudiosa e, aparentemente, mais calma, enquanto a outra é mais agitada, mas também é bastante rápida para entender a matéria, o que a professora acredita ser muito positivo.

Percebendo que a professora tem visões bem claras do comportamento de seus alunos, perguntei o que tem mudado com o passar do tempo no seu planejamento, e ela afirmou ter o hábito de fazer um único planejamento para todas as turmas da mesma série, mas agora, tem se moldado de acordo com a turma e suas necessidades. Comentou que muitos alunos não levam para a aula o material que ela solicita, o que dificulta a realização de algumas atividades, especialmente as práticas. Além disso, a professora disse apresentar muito alunos hiperativos, alguns inclusive que são medicados, o que também atrapalha o andamento das aulas. Dessa forma, nas turmas mais agitadas, ela desenvolveu a estratégia de diminuir a nota dos alunos que atrapalham muito a aula.

Percebi nessa entrevista que a professora IX gosta da profissão que escolheu, mas que ela já está desmotivada, devido principalmente à agitação de seus alunos. Ela responsabiliza essa agitação por não conseguir falar claramente em sala de aula e por se sentir pouco respeitada em algumas situações. De uma forma geral, achei a entrevista negativa, por esse

fator de desmotivação da professora, e por ela não ter encontrado tempo para fazer atividades práticas e jogos em sala de aula.

4.6 SEXTA PARADA: “Você encontrou muitas dificuldades para lidar com suas turmas agitadas. Pague 2.000.”

Assim, dentre os cinco perfis descritos acima, foi possível ilustrar casos de desmotivação frente às dificuldades apresentadas pelo ambiente escolar, tais como agitação e violência. Contudo, também foi possível verificar casos de grande satisfação com a profissão, por serem professoras que consideram atividades práticas e lúdicas importantes para o processo de aprendizagem. Dessa forma, alguns pontos que apareceram nas entrevistas, tais como a importância dessas atividades para a aprendizagem, bem como a relação da agitação ou indisciplina com a escolha das dinâmicas utilizadas por algumas professoras, serão explorados e analisados a seguir.

5 “DIA DO JUÍZO – MILIONÁRIO, MAGNATA OU FALÊNCIA”: REPENSANDO O CAMINHO PERCORRIDO.

Assim como no “Jogo da Vida”, nessa parte do trabalho é importante repensar o caminho percorrido, retomar os conceitos norteadores e analisar alguns pontos marcantes das entrevistas. No “dia do juízo” o jogador deve analisar o dinheiro que juntou durante todo o percurso do jogo e decidir se tem condições de se tornar milionário ou, se tiver pouco dinheiro, deve jogar na loteria. Jogando na loteria, se ganhar, o jogador se torna magnata e vence o jogo, mas se perder, irá à falência. Acredito que o nosso sistema educacional não está em condições de se tornar “milionário”, mas também não estamos em uma situação drástica como a falência. Diferentemente do “Jogo da Vida” a vitória nesse processo não depende da sorte, mas da forma como os participantes atuam. Assim, o resultado desse “jogo” depende muito mais da personalidade e capacidade dos “jogadores” do que da sorte.

O objetivo principal deste trabalho foi investigar como o comportamento dos alunos interfere na escolha do professor de realizar jogos em sala de aula. Entretanto, durante o estudo, descobriu-se que a maioria dos professores não realiza jogos com nenhuma de suas turmas. Esse fato foi motivo de surpresa e preocupação por parte da pesquisadora, pois há muito já se discute a importância do jogo para a aprendizagem. Dessa forma, a fim de buscar maiores subsídios para discussão, foi também perguntado aos professores se esses realizavam aulas práticas com suas turmas. Com relação a esse tipo de atividade, a resposta foi mais positiva, de forma que aproximadamente 70% das professoras entrevistadas relataram realizar aulas práticas em algum momento. Entretanto, mesmo dentre as professoras que responderam afirmativamente a essa segunda pergunta, poucas realizam aulas práticas com frequência e, quando o fazem, as “aulas práticas” são na sua maioria expositivas ou demonstrativas.

Considerando esse fato, é válido refletir sobre as implicações de realizar aulas práticas e jogos em sala de aula e discutir a importância dos mesmos para o processo de aprendizagem escolar. Devido à existência de um protocolo a ser seguido nas aulas práticas e de regras para a realização dos jogos, estes exercem papel muito importante na autodisciplina dos alunos e podem ainda regular o comportamento social dos mesmos. Assim, o jogo e as experiências podem ter um efeito positivo em turmas agitadas e indisciplinadas, pois exercem um papel disciplinador nesses alunos.

A utilização de aulas práticas possibilita ao aluno enfrentar resultados imprevistos, desafiando sua imaginação e raciocínio (ROSSASI, 2011). No entanto, por mais que se

conheça a importância desse tipo de atividade, a maioria das professoras entrevistadas não realiza aulas práticas participativas (a maioria realiza aulas “práticas” demonstrativas). Esse fato pode ser verificado na fala de uma das professoras entrevistadas, na qual afirma começar a aula prática escrevendo o protocolo no quadro, em seguida realiza uma experiência para a turma e os alunos a observam. Esse tipo de “aula prática” é a mais comum dentre as professoras entrevistadas e possivelmente dentre as professoras de ciências, em geral, pois outros trabalhos realizados na área apresentaram resultados similares, como o trabalho realizado por Ferraz (2010). Apesar de nove não ser um número representativo das professoras de ciências de escolas estaduais de ensino fundamental de Porto Alegre, os resultados que foram encontrados nesse grupo se aproximam muito da realidade. Uma pesquisa realizada com 184 educadores em Santa Maria mostrou que, apesar de estes conhecerem a importância do jogo para a aprendizagem, isso não significa que eles saibam como realizá-las respeitando suas características primárias, tais como ser uma ação livre, improdutiva, imprevisível, simbólica e regulamentada (FORTUNA, 2005). Segundo a autora, esses educadores estão tão preocupados em dar uma “serventia” ao tempo passado em sala de aula e valorizar o respeito à sua função, que acabam por descaracterizar os jogos e brincadeiras, transformando-os em uma espécie de estudo dirigido, o qual perde seu caráter lúdico. Além disso, Ferraz (2010) em seu estudo com três professoras de ciências de Porto Alegre e alguns de seus alunos verificou que, por mais que as professoras considerem aulas práticas importantes, os alunos não identificam essas práticas nas aulas de ciências.

Realizar atividades práticas em sala de aula com caráter lúdico é muito difícil, pois implica em reservar um tempo em sala de aula apenas para a realização dessas atividades, o qual pode ser maior que o previamente planejado. Implica também em não esperar um resultado predefinido da atividade e sim analisar o processo da mesma e como este está interferindo no desenvolvimento do aluno. É necessário, além disso, ter o material e o espaço necessários para a realização dessas atividades e manter a ordem da turma, mesmo durante uma atividade livre e imprevisível. Tais implicações muitas vezes não são nem conhecidas pelas professoras, mas da mesma forma elas impedem muitas vezes a realização dessas atividades, especialmente em escolas públicas. Um dos motivos apresentados pelas professoras entrevistadas como justificativa para a não realização de tais atividades é a dificuldade física e material. A falta de material, de espaço e de auxílio para a realização de atividades práticas com turmas de aproximadamente 30 alunos são motivos para essa falta de

“aulas práticas” de ciências em muitas escolas estaduais que visitei. A professora II comentou em sua entrevista que costumava realizar muitas aulas práticas com suas turmas quando uma colega, também professora de ciências, a ajudava no planejamento, organização e até execução das aulas, afirmando: “Antes quando minha colega trabalhava na escola, nós buscávamos materiais e nos ajudávamos. Quando se tem ajuda, fica mais fácil de fazer as aulas práticas, fica-se mais motivada, além de eu ter ajuda para manter o laboratório organizado”.

Ainda assim, a imprevisibilidade e a incerteza dos resultados dessas atividades podem ser muito frustrantes para o professor, pois implicam em reconhecer o limitado controle que eles têm sobre a aprendizagem que essas atividades proporcionarão a seus alunos (FORTUNA, 2005). A agitação que esse tipo de atividade gera na turma pode ser bastante intimidante ao professor, pois vai de encontro à autoridade que esse busca manter frente a seus alunos. Essa perspectiva de perda de controle sobre o comportamento da turma e sobre os resultados da atividade são grandes desafios ao professor e, por isso, muitos optam por não realizar tais atividades, especialmente em turmas já consideradas agitadas. A professora II se contradiz em sua entrevista quando diz que considera a realização de atividades práticas no ensino de ciências muito importante, mas que devido à agitação dos alunos evita realizar saídas de campo com os mesmos. Ela afirma, ainda, que não realiza jogos em aula porque sua turma é agitada e difícil de ser controlada. Assim, mesmo considerando importante o uso dessas atividades, a professora, por medo de perder sua autoridade em sala de aula, evita realizá-las.

A maioria das professoras entrevistadas trabalha com turmas consideradas agitadas. A professora III acredita que a “agitação” de seus alunos se deve ao seu desinteresse, pois eles vêm de realidades “difíceis”. O ambiente no qual o aluno é criado influencia de forma determinante seu comportamento e sua forma de se relacionar com os outros alunos quando esse começa a frequentar o ambiente escolar. Alunos que convivem em ambientes violentos e desestruturados tendem a ter dificuldade de socialização na escola, pois também apresentam comportamento violento e baixa auto-estima. A escola deve refletir e discutir sobre essas questões que compõem o cotidiano dos alunos, uma vez que ela é o maior universo de socialização e educação da maioria destes. Logo, cabe aos professores ensinar também valores éticos e morais, bem como auxiliá-los a elevar sua auto-estima (MARRIEL, 2006). Os jogos de regra, nessa perspectiva, são muito úteis, pois além de auxiliar na elevação da auto-estima, também estimulam outras questões como: controle da ansiedade, estipulação de limites, forma de lidar com frustrações e desenvolvimento de autonomia (LOPES, 2005).

Assim como os jogos, as atividades práticas também são fundamentais para o desenvolvimento do aluno, pois possibilitam que este aprenda consigo e com objetos ou pessoas envolvidas em sua prática. Através das falas da maioria das professoras, quando lhes foi perguntado como os alunos respondem às aulas práticas, foi possível perceber que estas geralmente têm uma resposta muito positiva por parte dos alunos. Além disso, o caráter de seriedade também está presente, pois requer envolvimento e muita concentração do aluno para fazer relações entre os objetos e os eventos que compõem sua experiência e sugerir possíveis explicações para o resultado obtido.

Muitas das professoras entrevistadas não realizam jogos com suas turmas e algumas não o fazem por causa do comportamento dos alunos, o qual é descrito como violento ou agitado. Este é um fato muito preocupante, pois, segundo Lino de Macedo (2005), o jogo apresenta a característica de estimular o aluno a conviver bem com outras crianças, principalmente através dos jogos de regra. Sendo assim, nessas turmas agitadas e também nas violentas, os jogos podem ser uma ótima forma de ensinar os alunos a terem mais paciência, concentração, limites e respeito entre si. É importante diferenciar agitação de indisciplina, pois enquanto a primeira é apenas uma forma de inquietação do aluno, a outra representa desrespeito e até violência. Dessa forma, o jogo apresenta um papel diferente em cada tipo de turma, mas a sua importância e o seu papel na educação escolar dos alunos é indiscutível.

Durante as entrevistas, os termos “agitação” e “indisciplina” apareceram nas falas das professoras. Algumas professoras parecem não saber a diferença entre os dois termos e os usam indiscriminadamente, na maioria das vezes para falar de indisciplina. A professora II afirmou que acha as “brincadeiras” de seus alunos mais violentas e o uso de “palavrões” mais freqüente entre eles, especialmente nos grupos mais agitados. O uso de palavrões e o desrespeito são características de indisciplina, enquanto a maior conversa e até as “brincadeiras” um pouco mais agressivas, desde que de boa-fé, podem ser exemplos de agitação. Nessa entrevista não ficou claro se a professora conhece a diferença entre esses termos, pois em alguns momentos ela utiliza o termo agitação com seu significado real e em outros momentos fala de indisciplina. Já a professora IX parece saber a diferença entre agitação e indisciplina quando compara o comportamento das turmas com as quais trabalha em duas escolas diferentes. Ela comenta que uma turma de 8ª série é agitada, mas também é bastante rápida para entender a matéria, o que ela considera positivo. Logo, pode-se dizer que ela considera agitação como algo positivo para a aprendizagem. Já seus alunos da escola na

periferia de Porto Alegre são considerados indisciplinados pela professora, porque apresentam comportamentos violentos e desrespeitosos.

Indisciplina escolar, como apresentado anteriormente, é o termo usado para designar todo e qualquer comportamento que seja contrário às regras predeterminadas por uma instituição, no caso a escola. A forma mais preocupante de indisciplina escolar é a violência, a qual tem se tornado cada vez mais comum, principalmente em escolas brasileiras e norte-americanas, e que ocasiona uma depredação material das escolas e agressões físicas entre alunos (SILVA, 2004). É muito comum escutarmos histórias sobre violência escolar nos noticiários, especialmente em escolas públicas brasileiras, por isso esse tema tem sido muito discutido. No entanto, dentre as escolas que visitei, nenhuma apresenta uma situação concreta de violência escolar. É fato que muitas apresentavam algum tipo de depredação, mas poucas professoras relataram terem presenciado ou sofrido algum tipo de violência por parte dos alunos. Mesmo assim, comportamentos que caracterizam indisciplina estavam muito presentes nas entrevistas. Alguns alunos eram relatados como desrespeitosos, o que é caracterizado como indisciplina escolar, mas a maioria era descrita como agitada.

Através da análise dos perfis, notou-se que a escolha da dinâmica a ser usada em aula pode ser influenciada pelo comportamento da turma, o que acarreta na não utilização de atividades lúdicas em turmas consideradas agitadas ou indisciplinadas. O que move essa escolha é primeiramente a personalidade do professor e o fato desse julgar importante as atividades práticas. Porém, quando o professor não vê essas atividades com tanta importância, a escolha por sua realização ou não pode vir a ser influenciada pela atitude da turma. As professoras III e IX relataram que costumam realizar aulas práticas com as turmas mais fáceis de serem controladas, ou seja, as turmas mais calmas. Já nas turmas mais agitadas, utilizam outros meios para buscar o silêncio e participação dos alunos, tais como ditados e a retirada de notas. Elas justificam que não conseguem realizar atividades práticas com essas turmas, porque não conseguem controlá-las, bem como não se sentem motivadas para tal prática. Esses fatos podem ser percebidos nas falas das professoras:

“Nas turmas muito agitadas costumo fazer menos coisas, fico mais desmotivada, porque os alunos não me escutam, não param quietos. Daí não faço muitas atividades. (...) Além disso, muitos alunos são hiperativos, alguns até tomam medicação e outros são largados pela família e não tão nem aí para a escola” (Professora III)

“Quando a turma é muito agitada, eu passo mais conteúdo e às vezes faço ditados para que eles fiquem quietos.” (Professora IV)

“Os alunos das escolas públicas não valorizam o ensino. Eles só fazem o que eu peço se ganharem algo em troca, como nota, senão não fazem nada. Quando a turma colabora faço um bom trabalho. Os alunos das escolas particulares sabem valorizar mais o estudo, até porque eles estão pagando, né?!” (Professora VI)

Logo, a agitação dos alunos pode ter um papel decisivo para as professoras que consideram as aulas práticas e os jogos como dinâmicas acessórias e não como fundamentais para o aprendizado escolar. No entanto, essa chamada indisciplina (o que na verdade é uma agitação natural da criança e do adolescente) pode apresentar uma positividade no campo da aprendizagem, pois ela pode representar uma forma de linguagem dos alunos, que expressa os efeitos do processo de ensino-aprendizagem nessa turma (XAVIER, 2002). Dessa forma, é importante que os professores saibam a diferença entre agitação e indisciplina e que eles reconheçam quando um aluno é agitado ou indisciplinado. Esse conhecimento só é possível com um trabalho na formação dos professores e com reflexões a cerca do tema. A agitação é algo bastante produtivo para a aprendizagem escolar, mas deve ser bem interpretada e utilizada. Essa agitação muitas vezes é vista como um desrespeito a autoridade do professor e, assim, tratada como indisciplina. Porém, se utilizadas as técnicas adequadas, a agitação auxilia o aluno em sua aprendizagem, pois representa uma grande criatividade e curiosidade acerca do que está acontecendo em torno do aluno. As aulas práticas, assim, são uma ótima estratégia para canalizar essa energia criativa para algo produtivo. Através destas, a agitação passa a ser usada na criação de hipóteses e no desenvolvimento de jogos, o que gera toda a atividade espontânea e criativa que é característica dos jogos e importante para o processo de aprendizagem. Esse fator aparece nas práticas da professora VIII, nas quais ela possibilita a seus alunos espaço para que estes possam criar jogos e realizar experiências e pesquisas. Nesse processo de criação, a imaginação e criatividade do aluno estão sendo trabalhadas, fazendo com que o aluno antes agitado e disperso se concentre em uma atividade produtiva.

Os jogos e as aulas práticas são ótimas estratégias para aproveitar e estimular essa criatividade e trabalho mental dos alunos. No entanto, ao contrário do que se pode pensar, essas atividades também podem desempenhar um importante papel na educação de jovens indisciplinados e até violentos. Disciplina é algo que se aprende, assim como autodisciplina exige muita prática. A moral não é inata, ela é aprendida através das relações sociais às quais está imerso o sujeito, como afirma Piaget (1998). A escola é o local de maior interação social de muitas crianças, e para algumas é o único, dessa forma, é na escola que ela deve aprender a

conviver em sociedade. Muitas crianças e adolescentes que são considerados violentos quando chegam à escola o são porque não tiveram uma educação moral adequada no seu ambiente familiar. Algumas professoras entrevistadas trouxeram que muitos alunos não estão “nem aí” para a escola porque são oriundos de ambientes difíceis, apresentam pais ausentes, ou estão envolvidos com drogas e violência. Esse ambiente violento tem um reflexo muito forte na criança, pois ela cresce pensando que violência é algo natural e aceitável, e assim não desenvolve sentimento de empatia e coletividade. Por isso, a educação moral na escola é muito importante, e essa educação pode ser alcançada através de muitas dinâmicas, dentre elas os jogos de regra.

Os jogos em grupo e os jogos de regra tornam-se, nesse contexto, uma ferramenta fundamental para o ensino da moral às crianças, pois é através deles que elas começam a descobrir o significado das regras, como estas são formadas e para que elas servem. Entendendo que as regras são convenções existentes para regular o comportamento de determinado grupo em uma situação específica, a moral se torna algo que faz sentido para a criança e adolescente. Uma vez que os jogos de regras impõem o desafio de superação de si mesmo e do outro, eles também estimulam o espírito competitivo. A competitividade não é algo negativo em si, mas é preciso ter cuidado como os alunos lidam com ela (MACEDO, 1997). Esse desenvolvimento da competência do aluno é um aspecto importante do jogo de regra, o qual não é compreendido pelas professoras, pois ele pode auxiliar muito os alunos mais problemáticos.

Assim, é possível dizer que o uso de atividades práticas é importante para a aprendizagem dos conteúdos, das regras de convivência e para o desenvolvimento da concentração e autocontrole. O não uso dessas atividades por causa do comportamento dos alunos acarreta na maior dificuldade de trabalhar com essas turmas. A maioria dos professores desconhece o papel do jogo na socialização e disciplina e, juntando com o medo de perder o controle de seus alunos, evitam realizá-los com suas turmas agitadas ou indisciplinadas. Essa falta de conhecimento pode ser um reflexo da formação dessas profissionais ou da sua personalidade. Contudo, independente do motivo, se faz necessário que esse conhecimento se propague e que os professores passem a ver o jogo como uma ferramenta no trabalho com alunos considerados difíceis. Assim, é possível que essas atividades práticas se tornem mais presentes no ambiente escolar.

6 “MAGNATA (cuidado com a falência)”: CONCLUSÕES

A partir dos perfis descritos, podemos dizer que cada professora apresenta uma situação bastante particular. Contudo, a agitação dos alunos é muitas vezes mal interpretada como indisciplina e, assim, os professores a ignoram como impulsionadoras de aprendizagem e utilizam dinâmicas de controle e submissão com seus alunos. A falta de um canal para extravasar a agitação dificulta a aprendizagem desses alunos ditos indisciplinados, pois eles são os que mais necessitam de atividades práticas para explorar seu lado criativo e curioso. Essa confusão dos professores é derivada principalmente da falta de reflexão sobre o tema em sua formação acadêmica.

A importância do lúdico na sala de aula está bem descrita na literatura e é conhecimento quase que de todas as professoras entrevistadas. No entanto, o entendimento das necessidades dos alunos, especialmente frente à sua agitação, não é discutido e se tem poucos trabalhos acerca desse tema. Assim, podemos perceber que a realização de aulas práticas é mais complexa do que parece. Muitos autores discutem a sua importância para a aprendizagem, no entanto, pouco se discute sobre o quanto isso exige do professor. As exigências da realização de aulas práticas não são apenas físicas, mas também mentais, e essas são as mais difíceis de lidar, pois vão de encontro às idéias, vontades e até expectativas do professor. Possivelmente se os professores refletissem sobre essas questões e buscassem novas formas de trabalhar com os alunos, as aulas práticas aconteceriam de uma forma mais prazerosa para os mesmos e, assim, talvez passasse a participar da vida cotidiana da escola.

Assim, não se pode culpar os professores que não realizam aulas práticas com turmas agitadas por medo de perder o controle da turma. O que é possível é propor novas abordagens a serem utilizadas com essas turmas. Aulas práticas que instiguem o pensamento criativo do aluno para a solução de problemas e a formulação de hipóteses podem ter um efeito muito positivo com turmas agitadas, pois estimulam o pensamento livre e investigativo. Trabalhando com os professores o significado dessa agitação e sua diferenciação da indisciplina, facilitaria suas práticas com essas turmas e possivelmente melhoraria a abordagem utilizada nas aulas práticas.

Esse trabalho foi um desafio, pois se discute pouco o termo agitação e o conjunto de ações que a caracterizam. A maioria dos livros que li se detém a discutir indisciplina e violência escolar, sendo que a palavra agitação ou não está presente ou é erroneamente

utilizada. Acredito que há muito que ser pesquisado nessa área e que estudos que foquem a relação aluno-professor durante as atividades práticas se fazem necessários. O maior desafio desses estudos será encontrar atividades que sejam verdadeiramente práticas no cotidiano das escolas, e que sejam realizadas independente da existência de condições físicas ou materiais, para que se possa entender o movimento que estas exercem no aluno. Contudo, como vimos neste trabalho, existem professoras que executam essas atividades sem perder sua característica lúdica e que sabem a importância de tais ações. Por isso, acredito que este estudo sirva de ponto de partida para pensar a problemática da realização de jogos e aulas práticas com turmas agitadas. A resposta do trabalho pode ser diferente dependendo dos sujeitos que estão sendo analisados, assim como o resultado do jogo varia de acordo com os jogadores.

REFERÊNCIAS

- BRADLEY, M., KLAMER, R. **Jogo da Vida**. Direitos autorais de Hasbro International Inc. 1992
- BONI, V. e QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2 nº 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80
- FERRARIS, A.O. Agitação que faz bem. **Mente e Cérebro**. São Paulo: Ediouro Duetto Editorial Ltda. Ano XVIII, nº 216. Jan/2011, 36-41.
- FERRAZ, G.R. **A visão dos professores de Ciências e Biologia sobre o brincar e o silêncio em sala de aula**. 2010. 38f. : Il. Trabalho de Conclusão (graduação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Biociências. Licenciatura em Ciências Biológicas, Porto Alegre, BR RS, 2010. Ori.; Kindel, Eunice Aita Isaia.
- FORTUNA, T. Jogo e Educação: o que pensam os educadores. In: **Trajetória docente: o encontro da teoria com a prática**. ANTUNES, H.S. (org.). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino, 2005.
- KLISYS, A. Jogos de trilhas: uma invenção antiga. **Caleidoscópio: brincadeira e arte**. 2007. Encontrado em: http://www.caleido.com.br/uploads/2/2/8/0/2280950/cardapio_jogos.pdf (Acessado em 20/06/11 às 09h30min).
- LOPES, M.G. **Jogos na Educação: criar, fazer, jogar**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.
- MACEDO, L., PETTY, A.L.S., PASSOS, N.C. **Quatro cores, senha e dominó: oficinas de jogos em uma perspectiva construtivista e psicopedagógica**. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- MACEDO, L., PETTY, A.L.S., PASSOS, N.C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MOYLES, J.R. et al. **A excelência do brincar**. Traduzido por Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes, 1971.
- PIAGET, J. **Sobre pedagogia: textos inéditos**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice M. D'Amorim e Paulo Sérgio L. Silva. 24ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ROSSASI, L.B.; POLINARSKI, C.A. Reflexões sobre metodologias para o ensino de biologia: uma perspectiva a partir da prática docente. **Dia-a-dia Educação: Portal**

Educacional do Estado do Paraná. Encontrado em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/491-4.pdf?PHPSESSID=2009050708050838>. (Acessado em: 23/06/2011 às 20h13min).

SILVA, N.P. **Ética, indisciplina e violência nas escolas**. 2ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIÉGAS, L.S. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação. **Diálogos Possíveis** janeiro/junho 2007. Encontrado em:
<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/10/09.pdf> (Acessado em 12/06/2011 às 22h17min)

XAVIER, M.L. (org.). **Disciplina na escola: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

Apêndice A - Entrevista semi-estruturada realizada com as professoras dessa pesquisa.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Curso de Ciências Biológicas – Habilitação em Licenciatura
Trabalho de pesquisa para o TCC
Juliane Borba Minotto

ENTREVISTA COM PROFESSORES

1. Escola: _____

2. Nome: _____

3. Leciona em mais de uma escola? () Sim () Não

4. Séries que leciona: _____ Quantas turmas? _____

5. Quantos períodos/horas por semana? _____

6. Quando começou a lecionar em escolas? _____

7. Breve histórico de seus momentos como professor (a):

8. Alguma(s) turma(s) foi (foram) marcante(s)? () Sim () Não

9. Se sim,

I. Qual (quais)? _____

II. Por quê? _____

III. Quais as características dessa(s) turma(s) foram mais marcantes?

10. Se não, por quê?

11. A escola possui laboratório de biologia? Ou algum outro espaço para atividades práticas?

() Sim _____ () Não

12. Realiza aulas práticas? Com que frequência? Como são essas aulas? Como é a resposta dos alunos às aulas práticas? Justifique.

13. Se sim, quais são as fontes que utiliza para prepará-las? O que pensa sobre essas fontes?

14. Realiza jogos e outras atividades com as turmas? Quais/ de que tipo? Com que frequência?

15. Se não realiza essas atividades, o que o desmotiva?

16. Realiza esses métodos em todas as suas turmas?

() Sim () Não. Por quê? _____

17. A atitude dos alunos interfere na escolha da dinâmica realizada em aula?

18. O planejamento e a dinâmica das aulas têm mudado com o tempo de experiência? Como? Por quê?

19. Observações adicionais:

Anexo A - Modelo de termo de consentimento livre e esclarecido utilizado nessa pesquisa.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, ____ de _____ de 2010.

SENHOR/A PROFESSOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos à V.Sa. a universitária Juliane Borba Minotto, regularmente matriculada no Curso de Ciências Biológicas – Habilitação em Licenciatura.

Solicitamos permissão para que a aluna possa utilizar os dados que V.Sa. lhe fornecerá, a fim de que a aluna possa realizar seu trabalho prático de pesquisa educacional para fins do seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da aluna que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados pessoais obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Darli Collares

Professora Orientadora do TCC

Nome e assinatura do professor entrevistado

Juliane Borba Minotto

Aluna pesquisadora